

## NÃO DITOS POPULARES



# *Não ditos populares*

RODRIGO BEDRITICHUK

*Crônicas*



© Moinhos, 2019.

© Rodrigo Bedritichuk, 2019.

*Edição:*

Camila Araujo & Nathan Matos

*Assistente Editorial:*

Sérgio Ricardo

*Revisão:*

LiteraturaBr Editorial

*Diagramação e Projeto Gráfico:*

LiteraturaBr Editorial

*Capa:*

Sérgio Ricardo

*Nesta edição, respeitou-se o*

*Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

---

B413n

Bedritichuk, Rodrigo

Não ditos populares / Rodrigo Bedritichuk.

Belo Horizonte, MG : Moinhos, 2019.

196 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-85-45557-79-1

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas. I. Título.

2019-270

CDD 869.89928

CDU 821.134.3(81)-94

---

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva — CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Crônicas 869.89928

2. Literatura brasileira : Crônicas 821.134.3(81)-94

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Moinhos

editoramoinhos.com.br

contato@editoramoinhos.com.br

# Sumário

## 7 Apresentação

### TEMA: A VIDA

- 11 Economia doméstica
- 14 Let it go e Let it be
- 17 Horário de verão
- 20 Só na memória
- 23 Serviço essencial em casamento
- 25 Salvo-conduto para vascaínos
- 29 Homens vs. Coisas
- 33 As grávidas
- 36 Sobe ou desce?
- 39 Jornada de uma vida
- 42 Cabeça de criança
- 45 Open house
- 49 Livro rabiscado
- 52 O que Colombo descobriu
- 56 O Gol
- 59 De novo
- 62 A opinião pública em pessoa
- 65 Sexta-feira
- 67 Pa-pai
- 70 Juntar as escovas (e a pasta) de dente
- 73 Pai de duas
- 77 Distrações
- 80 Unha quebrada
- 83 Saudades de ficar doente
- 86 Gosto da tristeza
- 88 Escambo
- 91 Solidariedade universal
- 94 Inconvenientes de um pomar
- 97 Jaca

- 99 Dublado
- 102 A Nona
- 105 Duas procissões
- 108 Filosofia grega por um americano

TEMPO: ESSA GERAÇÃO

- 113 Netflix: somos todos milionários
- 116 Tribos urbanas
- 119 Instagramizados
- 122 Informação assimétrica
- 125 30 anos
- 129 Trailer da vida
- 132 A ilusão dos concursos públicos
- 136 Conexão contínua
- 140 Apocalipse cesariano
- 143 Diário no mural da escola
- 146 Desorganizados

LOCAL: BRASÍLIA

- 151 Qual setor?
- 153 Setor Hospitalar Sul
- 156 Brasília ou Santorini
- 159 Orgulho pedestre
- 161 Tomar um banho de multidão
- 164 Conjunto
- 168 Os imortais da 313
- 171 W3 Sul
- 175 Janeiro em Brasília
- 178 Paralisia de chuva
- 181 Passarela da morte
- 183 Terremoto em Brasília
- 185 Um bandolim no médico
- 188 Vamos gourmetizar Brasília
- 191 A fé do borracheiro
- 193 Pode ser por um real?

## Apresentação

Há pessoas com uma história de vida tão sensacional, tão cheia de reviravoltas, de conquistas e fracassos, que a gente pensa que dava até um livro. Muitos romances são escritos para essas pessoas, quer elas existam de fato ou não.

A crônica é a literatura que se debruça sobre as pessoas comuns. Situações comuns, eventos corriqueiros, conflitos cotidianos.

O leitor tem às mãos um livro com 60 crônicas.

Um breve passeio panorâmico por diversas situações que constituem a matéria-prima do ordinário e que, no entanto, também se prestam a construir o inesquecível.

Como qualquer narrativa, que trabalha com os elementos *o quê*, *quando* e *onde*, o livro tem tema, tempo e local – os três grandes capítulos nos quais as crônicas estão agrupadas. O tema é a vida, a vida comum, com toda sua grandiosidade de histórias pequenas. O tempo, como diria Drummond, é o tempo presente, dos dilemas dessa nova geração. O local é Brasília, capital do poder, mas que no livro esvazia-se da política para ser apenas o local onde se passam as histórias, cidade como outra qualquer.

O livro vai assim desprezioso, buscando colocar em palavras o que está no dia a dia do vulgo, talvez com o intento velado de conferir certa dignidade ao cotidiano, ambição que, se não cumprida a contento, pelo menos abre espaço para deixar a literatura se ocupar das grandes histórias.



TEMA: A VIDA



## Economia doméstica

Como bom cidadão dessa república de bacharéis, onde diploma serve para pendurar na parede e fazer as vezes de título de nobreza, a cada dia me convenço de que tenho o meu – diploma de economia – só para constar.

O conhecimento econômico que ainda uso hoje qualquer leigo tem – taxa Selic, inflação, PIB, keynesianismo. No fundo do baú ainda avisto algumas teorias, o modelo de James-Tobin, o IS-LM, teoria do consumidor, cálculos complicados, noites de estudo, provas e trabalhos que hoje são justamente tralhas que a gente guarda num baú. Olhamos os objetos, vivemos as memórias que nos trazem, e, como não sabemos bem o que fazer, deixamo-los ali mesmo, no baú, quem sabe sirvam para algo útil no futuro.

Mas há um conhecimento específico de economia que logrei aplicar na minha rotina. Trata-se de uma adaptação de um saber acadêmico para a realidade do dia a dia. Espécie de economia doméstica, desenvolvida no contato duro com as batalhas do cuidado da casa, especialmente na atividade de lavar louças.

A primeira aplicação é a da economia de escala. A atividade produtiva incorre em custos fixos e variáveis. Sendo relevante a proporção dos custos fixos, há um ganho em aumentar a escala de produção, pois reduz-se o custo individual de cada bem. Vamos à pia.

A sujeira foi pouca – algo como dois pratos e um copo, por exemplo. Instado a lavar essa pequena louça, recorro à teoria econômica. É melhor deixar para depois, quando houver mais louça suja. O custo que terei em termos de detergente, água, esforço físico e tempo será o mesmo, ou

quase o mesmo, lavando dois ou quatro pratos, um ou três copos. Por isso, melhor deixar acumular um pouco mais. Economia de escala.

Acumulou, e agora vem a esposa pedindo para eu dar um jeito e lavar tudo. Ela, uma máquina da limpeza que maneja pratos e bucha com desenvoltura e que em cinco minutos deu conta do recado. Eu, um desajeitado, lento, que até consegue realizar o serviço, mas depois de meia hora. Aí me lembro de David Ricardo e da teoria das vantagens comparativas.

Simples. Para maximizar os ganhos de troca no comércio internacional, cada país deve se especializar na produção de bens cuja produtividade seja maior. Tentar produzir de tudo importará no emprego do capital de forma improdutiva, o que levará a uma queda na quantidade e na qualidade dos bens produzidos em comparação com o que poderia ser obtido se cada país se especializasse naquilo que faz de melhor.

Pois bem, para maximizar a qualidade de vida da casa, melhor aplicar a especialização e as trocas. Ela, mais produtiva no ofício da pia, faria o serviço rapidinho. Eu, especialista na organização, ou na arrumação da cama, poderia me dedicar exclusivamente a essas tarefas. No final, todos naquilo que fazem melhor, e a casa só teria a ganhar. Invertidas as tarefas, ou uma só pessoa fazendo as duas coisas, e teríamos um desperdício de esforço. Vantagens comparativas.

A esposa não engole essa história de Ricardo e determina que eu mesmo lave a louça acumulada. Chega a hora de encarar o desafio. Dirijo-me à pia. Caminho como um condenado ao patíbulo. Espera um pouco, que dia da se-

mana é hoje? Bingo, a diarista vem amanhã cedinho. Falo que é melhor deixar a louça para a diarista lavar amanhã.

A esposa me olha de cara feia, mas argumento com mais teoria econômica: digo que os agentes buscam maximizar utilidade e reduzir custos, que os agentes reagem a expectativas, que os comportamentos se adaptam aos incentivos. Não há problema em deixar essa loucinha para amanhã, minha atitude é perfeitamente válida num cálculo econômico.

Mas acaba o momento da conversa. Ela não fala mais nada, e continua a me encarar com olhar incisivo. Entendo o que ela quer dizer, e termino a noite lavando aquele monte de pratos, panelas e tudo o mais.

As teorias econômicas, aplicadas nessa economia doméstica, não me livraram do ofício da pia. Talvez economia mesmo seja comprar uma máquina de lavar louça.

## Let it go e Let it be

Sigo no carro calmamente. Sábado, quatro da tarde, ruas vazias, trânsito tranquilo. Coloco um velho CD que contém alguns clássicos dos Beatles. Começa a tocar Let it be. A voz de Paul McCartney é propícia para essa tarde pacata e ensolarada. Palavras de sabedoria.

Minha filha, no entanto, da cadeirinha lá de trás, pede Let it go. Quando era bebê, ela adorava Hey Jude, mas, agora que tem vontade própria, acho que ouviu a frase Let it be e pediu o Let it go, pois aprecia mais a versão da Elsa.

Elsa – como essa loirinha tem me assombrado. Há um balão de gás que uma das avós comprou para minha filha, claro, com imagens da Elsa e sua irmãzinha. O balão não murcha. Já está lá pelo escritório há umas três semanas. Levanto de madrugada para beber água e me deparo com aquele vulto, com olhos grandes e um sorriso aberto me encarando. Um fantasma? Um ladrão? Não, apenas a Elsa a flutuar pela casa. Susto após susto nessas noites até eu me acostumar com a nova moradora da casa.

Falo para minha filha que agora é hora de Let it be. Ela insiste em Let it go. A esposa intervém em favor da filha. Vamos ouvindo Frozen para já ir entrando no clima da festa, diz ela. O quê? Outra festa infantil com tema do Frozen? Afirmativo. É a quinta festa que vamos no ano com esse tema.

Mais cedo, naquela manhã, havíamos saído para comprar o presente da aniversariante. Entramos na loja de brinquedos, e advinha qual música estava tocando no DVD da loja? Sempre aquela. O clipe da Elsa, lançando poderes de suas mãos, construindo um palácio de gelo e cantando

Livre Estou com voz estridente. A vendedora vem ajudar: procurando algo específico? Um presente para menina. Temos esse quebra-cabeça do Frozen em promoção, ou a fantasia da Elsa com um preço ótimo. Elsa, Frozen, parece perseguição...

Não tenho nada contra o filme ou a Elsa. É até legal. Conflitos familiares, amor fraternal, o bem descongelando a frieza do mundo e um visual bacana. Na verdade, tenho três ressalvas. Primeiramente, precisava ter virado febre mundial, e por tanto tempo? Em segundo lugar, a música-tema do filme, o célebre *Let it go*, retrata a fase rebelde da Elsa. O mesmo aconteceu no *Rei Leão*: o protagonista tem um conflito, foge de seus problemas, tem a consciência restaurada e depois volta para resolver a situação. Mas a música-tema, nos dois casos, retrata a fase da rebeldia: *Hakuna Matata* (“os seus problemas você deve esquecer”) e *Let it go* (“no right, no wrong, no rules for me, I’m free”). A mensagem que fica dos filmes é essa. A terceira ressalva é que há animações mais legais que poderiam ter ocupado o posto de febre entre as crianças – o *Enrolados*, por exemplo, é bem melhor que *Frozen* na minha opinião.

Pois lá vou trocar Beatles por Frozen no carro. Sai a voz calma de Paul McCartney para entrar a canção exaltada da Elsa; na primeira, quase como uma confissão de um homem maduro diante das intercorrências da vida; na segunda, a autoconfiança típica de uma adolescente que acha ter encontrado a liberdade. Vamos ouvindo *Let it go*. Um grito de autenticidade de uma representante dos millennials. Posso ter exagerado, a jovem é apenas uma personagem de um filme de animação. *Let it be*.

Chegamos à festa. Mal estaciono o carro e já três meninas vestidas de Elsa e uma de Anna passam correndo e

brincando. Sentamo-nos à mesa, toda decorada com enfeites do Olaf. Ao fundo, a música novamente: Let it go. Na verdade, toca a versão em português, Livre Estou. Como já sou perito na música, acho a versão em português até melhor que a versão original; o timbre da cantora é mais feio, mas os agudos são menos estridentes e enjoativos do que no inglês.

A música toca umas dez vezes, mas tudo bem, que já estou acostumado. Vamos aos parabéns. Antes, entretanto, uma atração especial. Eis que entra uma atriz mirim vestida de Elsa e depois outra de Anna, e passam a encenar cenas do filme para delírio da criançada e choro de alguns. Novamente, Let it go. Nesse ponto, já com a paciência estourada, sussurro para mim mesmo: Let it be.

Vamos embora do evento, carregando mais dois balões a gás do Frozen, lembranças do aniversário. Acidentalmente, na hora de entrar no carro, um balão escapa das mãos e sai voando pelos ares. Minha filha fica brincando com o que sobrou lá no banco de trás do carro. O balão estoura e assusta todo mundo. Pena. Nada de balão. Chegamos em casa, e eis que jaz, amassado no chão, o terceiro balão da Elsa, agora completamente murcho. Não teremos mais a companhia da ilustre princesa de Arendelle. Livre estou.

## Horário de verão

Como se o governo viesse e obrigasse cada um a acordar uma hora mais cedo. Como se o governo tirasse de todo mundo uma sagrada hora de sono por dia. Então chega aquela época do ano em que temos de nos acostumar a dormir menos apenas porque o governo quer economizar energia.

Cálculos tristes de pessoas que gostam do inverno. Será que terei que explicar todo ano que, quando os relógios são adiantados, a gente acorda uma hora mais cedo, é verdade, mas também vai dormir uma hora antes? No resultado líquido, as horas de sono são as mesmas.

E sem essa de que o corpo estranha e tal. Pode até estranhar, mas não mais do que dois dias ou no máximo uma semana. Depois se acostuma. Ou me diz se há alguém que vá à Europa e passe lá seus quinze dias fazendo turismo de madrugada porque não se “acostumou” ao novo fuso.

E, por último, a alegação de que é ruim para quem acorda cedo. Sair de casa ainda na escuridão da noite quando os ponteiros batem já seis da manhã. Ruim pode ser, mas nada de anormal. Acordar antes do sol nascer sempre foi hábito de toda a humanidade e nem por isso o mundo deixou de ser mundo, nem as pessoas passaram a viver seus dias em mau-humor e desgosto. E esses madrugadores têm o privilégio de assistir ao resplendor da alva e também – surpresa! – têm uma hora a mais de luz no final do dia.

Não, nada de justificativas econômicas, de arazoados técnicos. O horário de verão tem fundamento poético: permitir que os homens vejam o pôr do sol. Todos os dias, de outubro a fevereiro. Meses claros, dias longos, horas a

mais de luz. Concessão especial do governo: fica decretado o adiantar do relógio em uma hora para que vocês, homens sombrios e atarefados, quando saírem do trabalho às seis, se deparem com o céu das cinco, e possam contemplar o espetáculo que há muito têm perdido.

Outubro chega já com cara de fim de ano, mas, quando se descobre que o horário de verão começa no próximo domingo, é sempre a mesma reação: “já?”. E de repente a tarde de trabalho acaba mais rápido, porque não vai desvanecendo naquela monotonia sincronizada do fim do expediente com a despedida desbotada do sol. Sair ainda com o sol a pino tem gosto de escapada no meio da tarde, daquelas que só se tinha quando era estudante. E então tudo tem ar de libertação, como o prisioneiro solto que quer sorver as últimas gotas de sol daquele dia. Importa aproveitar o fim do dia – é essa a disposição alimentada pelo horário de verão.

Funciona também o horário de verão como o horário especial *do* verão. Fim de ano, festas, férias, viagens. Humor contagiante, boas expectativas, encerramento de ciclos, novos projetos, descanso. Nada como o verão, o fulgor da natureza no intervalo das estações. Nada como um horário especial para celebrar essa época festiva. A alegria estampada no céu ainda claro de sete horas. Bares e restaurantes fervilhando no *happy hour*. Parques com atletas novos encorajados pelo crepúsculo tardio. Praças e alamedas com amantes a namorar na luz dourada do entardecer. Coisas da união do verão com o horário de verão.

A vida é mais vida banhada pela luz do sol, principalmente a luz de fim de tarde, que ilumina mas não queima. A gente é mais humano quando degusta o pôr do sol como iguaria mais sublime e mais ordinária. E no horário de verão

é como se o processo todo se desse lentamente, exibindo-se com vagar agora que tem a atenção de todos. A chegada da noite é transição suave, antecedida por um lusco-fusco azul anil pontilhado de faróis e postes e neons já ligados.

Burlar a natureza em uma hora, criar a hora própria dos homens em desacordo com a cadência dos astros para que o dia seja mais longo. O desejo de deter a noite para esticar a longevidade do dia; filosoficamente análogo ao desejo de deter a morte para esticar a longevidade da vida.

Para alguns, um artificialismo que viola a sacralidade natural do tempo. Artificialismo sim, mas que permite melhor apreço do ciclo ininterrupto de eventos naturais que forma o tempo. Além do que, igualdade aritmética entre dia e noite, doze horas para cada, é circunstância só dos trópicos. Seja no sul da Argentina, na Polônia ou na China, no inverno escurece por volta das quatro da tarde e no verão o sol só se vai às dez. Praticar horário de verão é mais adequação ao restante do mundo do que propriamente uma tortura ao relógio em busca de economia.

Seis horas da tarde e chego ao último parágrafo deste texto iluminado exclusivamente pela luz solar. A bela luz das cinco que a gente vê melhor às seis.